

Martha Watts: uma educadora metodista na belle époque tropical *

Martha Watts: a methodist
educator in the tropical belle époque

Zuleica de Castro Coimbra Mesquita

Doutora em Educação (Unimep)

Coordenadora do Projeto Memória da Unimep (Piracicaba-SP)

Resumo

Martha Watts foi a primeira educadora do metodismo no Brasil. Em sua missão, deixou seu país de origem e a família para se dedicar ao ensino em um lugar desconhecido, de língua estranha. Hoje, o metodismo deve a essa lutadora missionária muito do que tem em termos de herança educacional.

Unitermos: Martha Watts; metodismo; educação; mulher

Synopsis

Martha Watts was the first educator of Methodism in Brazil. In her mission, she left her own country and family to dedicate herself to teaching in an unknown place, with a strange language. Today, Methodism owes to that struggling missionary most of what it has in terms of educational heritage.

Terms: Martha Watts; methodism; education; woman

Resumen

Martha Watts fue la primera educadora del metodismo en Brasil. En su misión, dejó su país de origen y su familia para dedicarse a la enseñanza en un lugar desconocido con un idioma que le era extraño. Hoy, el metodismo le debe a esta luchadora misionera mucho de lo que tiene en materia de herencia educativa.

Términos: Martha Watts; metodismo; educación; mujer

* Discurso de abertura da Conferência Internacional: "120 anos de educação metodista no Brasil"

Falar sobre Martha Watts, a educadora pioneira do metodismo no Brasil, é também falar de uma época em que Martha Watts se insere. É falar sobre o contexto brasileiro no final do século XIX e início do século XX, a chamada “belle époque tropical”.

Martha Watts veio para o Brasil para educar mulheres; esta foi a missão que a Sociedade Missionária da Mulher lhe designou, ou, melhor dizendo, para a qual Martha se candidatou. Assim, pois, é necessário que se diga duas ou três palavras sobre a situação da mulher na sociedade brasileira do final do século XIX, quando Martha Watts aportou no Rio de Janeiro trazendo na bagagem sua tarefa de ensinar, num país estranho, de língua desconhecida, distante física e culturalmente de sua “América”.

Durante todo o século XIX, as mulheres brasileiras estiveram submissas a pais e maridos. Esta submissão, entretanto, não implicava na falta de importância da mulher. Embora dependente dos homens o papel da mulher era bastante significativo na sociedade.

Quando falamos na mulher do final do século XIX no Brasil, queremos nos referir à mulher da elite. Numa sociedade agrária e escravocrata, fora das elites, existiam apenas as criadas e um pouco mais tarde as negras recém-libertas.

A vida social no Brasil, nesse período, girava em torno de recepções, saraus, e festas familiares. Nesses eventos, discutiam-se e fechavam-se negócios, arrumavam-se casamentos, firmavam-se as posições sociais.

Nesse contexto social, a figura feminina era imprescindível. Seu com-

portamento, seu trajar, suas jóias, a forma com que recebia e organizava reuniões demonstravam maior ou menor “status” na sociedade. Fazia-se necessário que se preparasse a mulher para essas funções do bem receber. Além disso, a casa-grande exigia da mulher certo tino administrativo, pois envolvia o trato com a criadagem e a educação dos filhos, quase sempre numerosos. A maioria dessas casas-grandes possuía um significativo número de agregados que participavam da vida familiar: parentes afilhados, padres... A casa-grande era uma instituição bastante complexa para se administrar.

Durante a primeira metade do século XIX, as mulheres brasileiras sofriam as limitações próprias do subdesenvolvimento do império e o espaço dela limitava-se às reuniões familiares e à Igreja. Recebiam instruções no próprio lar, tendo aulas de francês, música, canto, pintura, além de artes domésticas – trabalhos de agulha e culinária. Os preceptores eram geralmente estrangeiros.

A partir das transformações econômicas e sociais ocorridas no país na segunda metade do século XIX, quando a exportação do café construiu fortunas, a elite brasileira começou a se sofisticar, ampliando-se também o espaço da mulher, embora permanecesse sua submissão ao homem. Segundo Needell a sociedade dessa época era “feminina em sua expressão e masculina em seus propósitos”¹.

A urbanização e o advento dos bondes possibilitaram à mulher maior mobilidade e ela começou a aventurar-se em visitas a bairros distantes e às áreas do comércio central.

As mulheres brasileiras sofriam as limitações próprias do subdesenvolvimento do império

Quando falamos na mulher do final do século XIX no Brasil, queremos nos referir à mulher da elite

¹ 2.Expositor Christão. 14. 09.05. Vol. XX, N.º 36, p. 4.

O surgimento dessa burguesia urbana vai exigir que a mulher receba uma formação diferente daquela recebida até então na casa-grande. Isso não significou necessariamente uma caminhada direta à emancipação, mas fez parte do processo de transformação da condição feminina. As elites passaram, assim, a se dar conta da importância da educação da mulher para o progresso da sociedade. Um artigo publicado no Expositor Cristão, à época, dizia:

*“Sem mulheres instruídas não podemos ter países adiantados. O poder e a influência das mulheres são factores importantes em nossa civilização”*²

É nesse contexto social de fim de século e com tais expectativas das elites brasileiras que Martha Watts desembarca no Brasil. Quem é essa mulher estrangeira, que não fala português e nada sabe da cultura brasileira?

Muito melhor do que tentar aqui falar sobre as virtudes de Miss Watts ou sobre os traços de seu caráter é deixar que ela mesma nos conte com suas próprias palavras quem foi, o que fez e como se sentiu em seu trabalho no Brasil.

Martha Watts foi uma pioneira

A missão metodista no Brasil, em sua fase definitiva, apenas se esboçava quando Martha Watts se oferece para vir para o Brasil. Ela não foi designada, ela ofereceu-se para o trabalho educativo:

Uma carta publicada no *Woman's Advocate*, periódico da Sociedade missionária da Mulher nos EUA, em março de 1881 diz:

As elites passaram, assim, a se dar conta da importância da educação da mulher

“Miss Mattie H. Watts de Louisville, Kentucky, ofereceu-se como candidata a missionária, aspirando ir para o Brasil. Tenho suas recomendações em mãos e devo acrescentar que são de primeira ordem”.

(*Woman's Advocate*, março, 1881, p.8)

Ser pioneira em tal missão era ser corajosa

Martha Watts uma mulher sensível ao sofrimento humano

No contexto do Brasil do século XIX, então um país carente da maioria dos confortos que outros povos já conheciam, Martha Watts chega de navio ao porto do Rio de Janeiro. Sua primeira impressão da terra foi a de profunda comiserção pelas crianças abandonadas daquela cidade. É assim que ela se expressa em carta enviada aos EUA:

“Rio de Janeiro, maio de 1881

Na grande cidade do Rio de Janeiro, com mais de 400.00 Habitantes, há uma classe de seres humanos, cujas condições apelam aos nossos mais profundos sentimentos e clama por nossa caridade cristã. É uma classe de criancinhas, sem lar ou amigos que comem, dormem e morrem nas ruas; ignorantes de todo o conhecimento, a não ser o conhecimento da marginalidade e da miséria, sem que ninguém pareça se importar com suas almas”.

(*Woman's Advocate*, maio 1881, p.3-4)

Tocada pelo sofrimento dessas crianças sem teto a quem ela chama de “homeless children”, ela não se limita à contemplação passiva de tal situação, mas começa imediatamente a arquitetar planos

para salvar essas crianças. E sua carta continua:

O destino de Martha
Watts era Piracicaba

“O Senhor colocou no coração de alguns de seus servos a compaixão por estas vidas, bem como o desejo de achar uma forma de resgatá-las (...). A esta classe de crianças pertencem os jornaleiros, os engraxates, os vendedores de frutas, os cantores de rua (...). assim me surge a proposta de uma casa de refúgio para elas – preparar um local limpo, como um lar, para onde elas possam ir ao final do dia de trabalho; achar abrigo, repouso e alimentação para seus pequenos corpos fatigados, freqüentemente debilitados pelo sofrimento da fome e das doenças. Será ouvindo palavras doces, em tom gentil, sentindo o toque de mãos amorosas é que elas aprenderão o que é o humano e desta forma compreenderão o amor de Deus e (...) seguirão o caminho da salvação”

(Woman's Advocate, maio 1881, p. 3-4)

Logo de início, portanto, Martha se dá a conhecer pelo seu profundo comprometimento com o evangelho social, aquele que vê o ser humano como um ser integral em que o corpo precisa ser salvo, tanto quanto a alma.

Já imaginando como viabilizar seu projeto, Martha apela, na mesma carta, às suas compatriotas para que levantassem recursos. Ela diz:

“Eu gostaria de chamar a atenção dos membros da sociedade missionária, para este nobre empreendimento e solicitar a seu corpo diretor que examinasse atentamente o caso e, estando em seu poder, viesse a tomar medidas decisivas para sua implantação”
(Woman's Missionary Advocate, maio 1881, p. 3-4)

O destino de Martha Watts, porém, era Piracicaba. Cabia a ela abrir ali uma escola para as elites. O trabalho com a população carente do Rio de Janeiro seria iniciado pelo missionário Hugh Clarence Tucker, antes do final do século.

Martha Watts: uma mulher aberta

Ao chegar ao Brasil Miss Watts tinha a missão de educar. Estrangeira, falando outra língua, portadora de outra religião e de outros hábitos culturais, ela não se fechou nas quatro paredes da casa que alugou para servir de escola, nem tão pouco no abrigo dos lares de seus compatriotas imigrantes de Santa Bárbara e Americana. Ela saiu a campo, assistiu a missas católicas, procissões da Igreja Romana, festas populares, enterros e batizados da comunidade, na busca de conhecer a cultura local, de aprender os costumes da terra entender o comportamento do povo. Tornou-se uma observadora atenta do que se passava ao seu redor. Recém chegada à Piracicaba ela assiste e narra assim, uma festa do Divino:

“Chegamos entre quatro e cinco horas e guardamos um bom lugar antes que se formasse uma grande aglomeração (...). O sol estava acima da linha do horizonte e o rio estava calmo (...), os balões soltos ao vento, o som dos fogos cobria o vozerio das pessoas (...) tudo tão novo e estranho formava um cenário interessante”.

(Woman's Missionary Advocate, outubro de 1881. p.4)

Martha Watts: um espírito observador

A correspondência de Miss Watts

à sua junta de Missões nos EUA, é pontuada por inúmeras observações. Seu espírito arguto a leva a descrever com minúcias aquilo que estava vivendo. Seus textos nos transportam no tempo, fazendo-nos mergulhar no passado como se dele tivéssemos feito parte. É assim que ela descreve o vestuário em Piracicaba no final do século XIX:

“As pessoas se vestem tão bem quanto nos EUA, isto é, as de melhor classe. O povo e os negros não se vestem nem mesmo com o mínimo de dignidade. Todas as mulheres e homens envolvem-se em xales, seja de manhã ou à noite, de tal forma que lembram figuras orientais.”

(Woman’s Missionary Advocate, Dez. 1881, p. 5)

Martha Watts: uma mulher com visão de “marketing”

Por estranho que pareça, Martha foi a seu modo e de acordo com seu tempo u’a pessoa com visão de “marketing”. Ela queria que sua escola se tornasse conhecida, mas que se tornasse conhecida pela sua qualidade de ensino, demonstrada pela competência de seus alunos. Assim, um ano depois da abertura do Colégio Piracicabano, Martha decide que os exames fossem um ato público, aberto à comunidade:

“Em março ou abril, decidi ter um exame público (...) A turma de álgebra composta por uma menina brasileira (Maria Escobar) e uma menina americana (Nora Smith) foi examinada.. Tive o orgulho delas. O exame da turma de botânica que consistia de somente uma jovem. Ana Maria de Moraes Barros, foi em Francês (...).

Sua missão educativa visava contribuir para que a mulher se tornasse independente

Um ano depois da abertura do Colégio Piracicabano, Martha decide que os exames fossem um ato público

Em uma sucessão rápida seguiu-se uma seleção de “O Barbeiro de Sevilha” música tocada por Isabel de Almeida Barros (...). Quando os exercícios acabaram as crianças saíram marchando e cantando o Hino da Independência (...). Recebemos os parabéns de nossos clientes que pacientemente nos assistiram por quatro horas e meia (...). Servimos café depois dos exercícios, enquanto eles comentavam e elogiavam. (...). Temos a promessa de cinco novos alunos quando reabrirmos a escola em julho. (Woman’s Missionary Advocate, Setembro 1882, p.4)

Martha Watts: a feminista

Miss Watts foi uma pessoa extremamente preocupada com a situação de dependência em que vivia a mulher brasileira. Sua missão educativa visava contribuir para que a mulher se tornasse independente e senhora de seu destino. Em uma de suas cartas ela escreve:

“As mulheres aí nos EUA clamam pelo direito ao Voto, mas aqui, a necessidade primeira delas é a liberdade” (Woman’s Advocate, outubro 1884, p. 4)

Martha Watts: a educadora

Manter a disciplina, tarefa tão difícil entre os educadores ainda hoje, parece não ter sido grande problema para Miss Watts há 120 anos. Ela conta:

“Ter diferentes séries na mesma Assembléia, que também é minha tarefa, torna mais difícil, manter a ordem; mas estou certa de que, considerando tudo, temos bastante ordem. Dou às crianças 4 minutos para conversarem e elas conversam, cientes de que os minutos passam rápido; mas, quando

eu bato palmas elas se aquietam completamente, enquanto aguardam a próxima ordem; então peço dois minutos de silêncio, elas juntam as mãos sobre a carteira e o silêncio reina.”

(Woman's Missionary Advocate, Junho 1892, p.)

Martha Watts: uma mulher entusiasmada e otimista

A missão de Martha Watts em Piracicaba foi a mais árdua de todas as tarefas das missionárias que passaram pelo Brasil.

Ela começou da estaca zero. Sua tarefa investia-se de grande responsabilidade, pois sendo pioneira, dela dependia a continuidade ou não do investimento da sociedade de mulheres na área educativa no país. Sozinha, com apenas uma aluna, numa casa alugada bastante desconfortável ela dá início à primeira escola metodista, ela conta como foi esse início:

“(...) meus pertences, juntamente com a mobília da escola foram levados para uma nova casa que alugamos para a escola (...). O aluguel é de sessenta mil réis, ou quase 30 dólares por mês. Temos duas salas grandes na frente, um quarto grande e dois menores atrás (...). Temos na cozinha um fogão brasileiro que nos servirá até que tenhamos um melhor. Como é mais barato fazer o pão do que comprá-lo, compraremos um fogão ou construiremos um forno (...)”

(Woman's Missionary Advocate, Novembro 1881, p.3)

Na carta seguinte ela faz uma descrição minuciosa da cidade, fala sobre o clima, sobre o rio, sobre as lavadeiras que clareiam as roupas sobre as pedras do rio e depois conclui assim:

“Agora, caras amigas, o que acham da minha cidade. Já me sinto ligada a ela e pressinto que serei muito feliz aqui.”
(Woman's Advocate, Dez. 1881, p.3)

E, 14 anos depois de sua chegada, quando já está de partida para o Rio, onde fundaria a escola de Petrópolis, ela avalia seu trabalho em Piracicaba:

“Chegamos a 120 alunos. Temos, hoje, uma escola grande e bonita” (Woman's Advocate, Abril 1895. p.561)

Assim, quando ela está colhendo os frutos de seu perseverante trabalho, ela é transferida. Ao invés de lamentar-se pela mudança, pois já não é mais tão moça, ela recomeça sua tarefa com a mesma disposição de quando chegara a Piracicaba. É assim que ela descreve a propriedade adquirida em Petrópolis para a instalação da nova escola:

“Estávamos alegres como crianças e, depois de vermos o interior da casa, aproveitamos a melhora do tempo para sair e ver o terreno. Estamos encantadas e fico feliz por nosso conselho ter adquirido tão bela propriedade.”
(Woman's Advocate, Julho 1895, p. 12)

Martha Watts: uma mulher sem tempo para lamentações

A impressão que a leitura da correspondência de Miss Watts nos dá é a de que ela usou plenamente seu tempo. A missão da qual estava imbuída não lhe deixou tempo para lamentar-se. Aos 52 anos, 19 dos quais passados no trabalho missionário no Brasil, ela escreve:

Ao invés de lamentar-se pela mudança ela recomeça sua tarefa

...por mais de seis meses tenho sofrido com reumatismo. Se eu não tivesse mais nada a fazer, acho que poderia me tornar amiga de meus sofrimentos; mas, tenho que estudar, ensinar, escrever e costurar ocasionalmente e assim, pouco tempo me sobra para pensar no meu próprio conforto. “
(Woman’s Missionary Advocate, Maio 1900, p.338)

Por trás da história desta instituição, hoje, com 14.000 alunos está a figura desta mulher perseverante e decidida que se dispôs a deixar o conforto de seu lar, para semear, numa terra estranha o sonho de outras mulheres. Se por um lado, a missão de Miss Watts era a de evangelizar, suas cartas nos mostram que ela foi muito mais que um simples

Por trás da história desta instituição, hoje, com 14.000 alunos está a figura desta mulher perseverante

catequista. Assim como João Wesley lutou pela transformação das condições sociais de seu tempo, Martha Watts esteve o tempo todo imbuída desse espírito Wesleyano em que salvar almas era tão importante quanto salvar o corpo, livrando-o da miséria e da escravidão da ignorância. A educação foi seu instrumental e ela o usou competentemente.

Encerrando estas considerações, gostaria de repetir em memória da fundadora desta Casa as palavras que foram o lema da Divisão de Mulheres para as missões estrangeiras:

“She hath done what she could”
“Ela fez tudo o que era possível ser feito”

Referências bibliográficas

- BARCLAY, Wade Crawford. **The Methodist Episcopal Church**. 1845-1939. New York: The Board of Missions of the Methodist Church, 1957.
- Expositor Cristão**. Imprensa Metodista. 14/09/1905
- KENNEDY, James L. **Cincoenta anos de metodismo no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1929.
- NEEDEL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- Prospecto do Colégio Piracicabano**. 1913. Arquivo do Museu do IEP.
- VEIGA, Jair Toledo. Antigos alunos do Colégio Piracicabano. **Jornal de Piracicaba** (de 25/5/81 a 22/11/81, edições de domingo).
- MESQUITA, Zuleica (org). Evangelizar e civilizar. **Cartas de Martha Watts**, 1881-1908. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.